

# MONUMENTOS FUNERÁRIOS EM *IGAEDIS* (IDANHA-A-VELHA). SOBRE O EMPREGO DE CIPOS PIRAMIDAIS\*

## FUNERARY MONUMENTS AT *IGAEDIS* (IDANHA-A-VELHA). ABOUT THE USE OF PYRAMIDAL MEMORIAL STONES

MARCOS OSÓRIO<sup>1</sup>, LÍDIA FERNANDES<sup>2</sup>, JOSÉ CRISTÓVÃO<sup>3</sup>,  
PEDRO C. CARVALHO<sup>4</sup>

Recibido: 01-IV-2023; aceptado: 21-V-2023

### RESUMO

Apresenta-se uma análise circunstanciada de uma tipologia específica de elementos arquitetónicos identificados em Idanha-a-Velha. Os dezoito exemplares que se analisam destacam-se pela sua curiosa morfologia, com um formato superior piramidal e uma base ou plinto de secção quadrada. Os espécimes, entendidos como elementos ornamentais que integrariam monumentos funerários, permitem uma aproximação à diversidade monumental das necrópoles romanas de *Igaedis*, assim como uma integração nos modelos arquiteturais em voga no Império Romano.

**PALAVRAS CHAVE:** Arquitetura; monumento funerário; ornamentação; decoração arquitetónica.

### ABSTRACT

A detailed analysis of a specific typology of architectural elements identified in Idanha-a-Velha is presented. The eighteen specimens presented stand out for their curious morphology, with a pyramidal upper form and a base or plinth with a square section. The specimens, understood as decorative elements which would integrate funerary monuments, allow an approach to the monumental diversity of the Roman necropolis of *Igaedis*, as well as an integration with the architectural models popular in the Roman Empire.

---

(\*) Este trabalho desenvolveu-se no quadro do Projeto de Investigação PTDC/HAR-ARQ/6273/2020: “The historical village of Idanha-a-Velha: city, territory and population in ancient times (first century BC. - twelfth century AD)”, apoiado pela FCT. I.P. - Fundação para a Ciência e Tecnologia. Website: <https://igaedis.uc.pt/>

(1) Município do Sabugal. Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património. UC; [arkmarcos@hotmail.com](mailto:arkmarcos@hotmail.com) <https://orcid.org/0000-0003-4340-4614>

(2) Museu de Lisboa – Teatro Romano / EGEAC. Centro de Estudos Interdisciplinares. UC; [lidiafernandes@egeac.pt](mailto:lidiafernandes@egeac.pt) <https://orcid.org/0000-0002-7907-8593>

(3) Município de Idanha-a-Nova; [josecristovao@sapo.pt](mailto:josecristovao@sapo.pt) <https://orcid.org/0000-0002-5264-3054>

(4) Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Centro de Estudos Interdisciplinares. UC; [pedrooak@gmail.com](mailto:pedrooak@gmail.com) <https://www.cienciavita.pt/pt/6E18-F355-F71C>

**KEY WORDS:** Architecture; funerary monument; ornamentation; architectural decoration.

## INTRODUÇÃO

Idanha-a-Velha foi a capital de um vasto distrito administrativo romano – a *ciuitas Igaeditanorum*. Não se sabe ainda se teve uma ocupação proto-histórica ou se corresponderá a uma cidade romana fundada *ex nouo*, talvez na sequência da fundação de *Augusta Emerita* em 24 ou 25 a.C. A inscrição de 16 a.C. que regista a oferta de um possível relógio solar (*horarium*) aos *Igaeditani* por um cidadão de *Emerita* revela que *Igaedis* seria capital de *ciuitas* no momento inicial da província da Lusitânia (Redentor *et alii*, 2022). A partir de então, a capital dos *Igaeditani*, localizada estrategicamente no trajeto da via que ligava *Augusta Emerita* a *Bracara Augusta*, terá ocupado um lugar de destaque no interior norte da *Lusitania*. Tendo a sua área urbana atingido cerca 10 a 12 hectares no Alto Império, a sua importância é revelada por um conjunto epigráfico excepcional (com quase 300 inscrições) e por significativas ruínas, entre as quais se destaca a muralha e restos do *forum* (Cristóvão, 2005; Carvalho, 2009), mas também algumas *domus* (Carvalho *et alii*, 2020). O território desta *ciuitas* seria particularmente rico em explorações de ouro (Currás e Sanchez-Palencia, 2021).

A centralidade deste local perdurou no tempo. Tomado pelos Suevos no início do séc. V, a cidade, desde então designada *Egitania*, foi eleita sede de bispado provavelmente ainda no séc. V. A diocese da *Egitania* encontra-se pela primeira vez mencionada nas atas do concílio de Braga, em 572, onde teve assento *Adoricus - Egitaniae episcopus*. Em 585 foi integrada no reino visigótico, mantendo-se constante a presença dos seus bispos nos concílios de Toledo no decurso do séc. VII (Cordero Ruiz, 2018). Foram vários os reis visigodos que cunharam aqui moeda (de ouro), de Recaredo (586–601) a Rodrigo (710–711), último monarca visigótico. Deste período Suevo-Visigótico destacam-se dois batistérios: o norte datado de meados do séc. IV e o sul dos inícios do séc. V (Fernández *et alii*, 2019; Cordero Ruiz *et alii*, 2020).

Os restos dos primeiros templos cristãos da cidade, intramuros, encontrar-se-ão sob a atual igreja de Santa Maria, construída a partir de uma outra, dos finais do séc. IX ou inícios do séc. X, onde se cruzam e observam influências cristãs, mas também islâmicas (terá sido mesquita), uma vez que foi tomada por muçulmanos no séc. VIII, passando a ser designada *Laydaniya*.

Foi conquistada pelos reis cristãos (Afonso III das Astúrias) no séc. X e, mais tarde, converteu-se em importante centro Templário, tendo sido doada em 1165 por D. Afonso Henriques à Ordem do Templo. No final do séc. XII deixou de ser sede de bispado e perdeu importância (Alarcão, 2012).

Entre os exemplares recolhidos e guardados, atualmente, na urbe romana da *Igaedis*, encontram-se as peças que mereceram a nossa atenção neste texto. São blocos cúbicos, bem trabalhados e com um acabamento cuidado, apresentando uma

face rematada em morfologia piramidal. Todos os exemplares aparentam uma técnica de talhe homogênea, que nos leva a supor que seriam colocados no mesmo tipo de monumento, com funções similares. Convencionámos denominar este conjunto de peças como cipos piramidais.

A primeira (e única) referência a estas peças de Idanha-a-Velha deve-se a Fernando de Almeida que, numa das suas derradeiras publicações, lhe dedica uma breve nota. Ao descrever a cerca tardo-romana de Idanha-a-Velha, identifica estes monumentos, reutilizados no seu núcleo, como merlões de uma muralha romana anterior (Almeida 1977a: 41, est. 2, fig. 5). Entretanto, não merecem qualquer outra menção bibliográfica até recentemente serem resgatadas desse longo esquecimento (Redentor *et alii*, 2022: 292).

## 1. O CONJUNTO EM ANÁLISE

Conhecem-se em Idanha-a-Velha, até ao momento, dezoito exemplares destes cipos piramidais (Quadro 1), dispersos pela aldeia, localizando-se especialmente no perímetro definido pela muralha tardo-imperial como *spolia* (Fig. 1).

Oito peças encontram-se reutilizadas no núcleo da muralha tardo-imperial ou das respetivas torres defensivas (n.ºs **1-4** e **14-17**)<sup>5</sup>, constituindo um bom indicador da sua cronologia antiga à semelhança de outras peças coevas observadas no miolo da construção defensiva, como epígrafes, cornijas, fustes, cupas, capitéis ou *pulvini*, o que já vários autores têm destacado, desde Félix Alves Pereira, a Fernando de Almeida e Jorge de Alarcão. Estas peças aparecem reaproveitadas na muralha principalmente do lado sul e sudeste do perímetro defensivo, no que pode ser um fator relevante nesta análise (Fig. 2).

Das três peças depositadas junto à catedral, uma pertencia à coleção antiga (n.º **11**), guardada na Igreja de Santa Maria, antes do recente restauro, e as outras duas são provenientes do desmonte de um antigo miradouro (n.ºs **12** e **13**), semelhante ao que existe junto à antiga Escola Primária. A peça n.º **17** apareceu no acompanhamento arqueológico da abertura de uma vala que atravessa a muralha na extremidade nascente da Rua do Largo da Igreja, o Cimo da Calçada, permanecendo *in situ*.

Os restantes achados foram recolhidos nos trabalhos arqueológicos realizados na aldeia desde meados dos anos 50 aos inícios de 1970. Duas peças foram colocadas como pináculos de entrada no pequeno miradouro recriado junto à porta norte da muralha (n.ºs **5-6**), e outras quatro reempregues como capeamento aquando do restauro do troço noroeste da muralha (n.ºs **7-10**), junto à Escola Primária, por Fernando Almeida. Esta disposição das peças a coroar o topo da muralha reconstruída, teve em conta a interpretação que, na altura, se lhes atribuiu, interpretando-a como ameias daquela estrutura militar (Almeida 1977a: 41).

(5) Veja-se o catálogo no fim do texto com as fotografias individuais das peças.



Fig. 1. Localização das peças em estudo na aldeia de Idanha-a-Velha (mapa realizado sobre a base cartográfica de José Luis Madeira).



Fig. 2. Cipos piramidais integrados no miolo da muralha, do lado sul, e outros exemplares posto a encimar a cerca defensiva restaurada, do lado norte.

Pela sua feição petrográfica, distinguem-se dois tipos de pedra (Quadro 1): a maioria dos exemplares são de constituição grosseira, variando entre a cor cinzenta ou esbranquiçada, dos quais se distinguem três elementos fabricados em granito mais fino e amarelado (n.ºs 4, 11 e 13).

O estado de conservação é geralmente bom, excetuando-se as três peças que estão guardadas junto à catedral e uma outra que apareceu reutilizada na muralha, bastante incompletas. Há casos em que as peças não mantêm a sua altura máxima primitiva, pela frequente fratura da ponta superior do remate piramidal ou da base (Quadro 1 e Fig. 3). Mesmo assim, é possível perceber a volumetria original e fazer a modelação das peças, partindo das dimensões conservadas (Fig. 3).

A morfologia destas peças é constante, apesar do módulo não ser completamente uniforme, o que se prende, naturalmente, com a dimensão arquitetónica do monumento onde se inseriam, mas, igualmente, com o tipo de estrutura em que terão sido empregues.

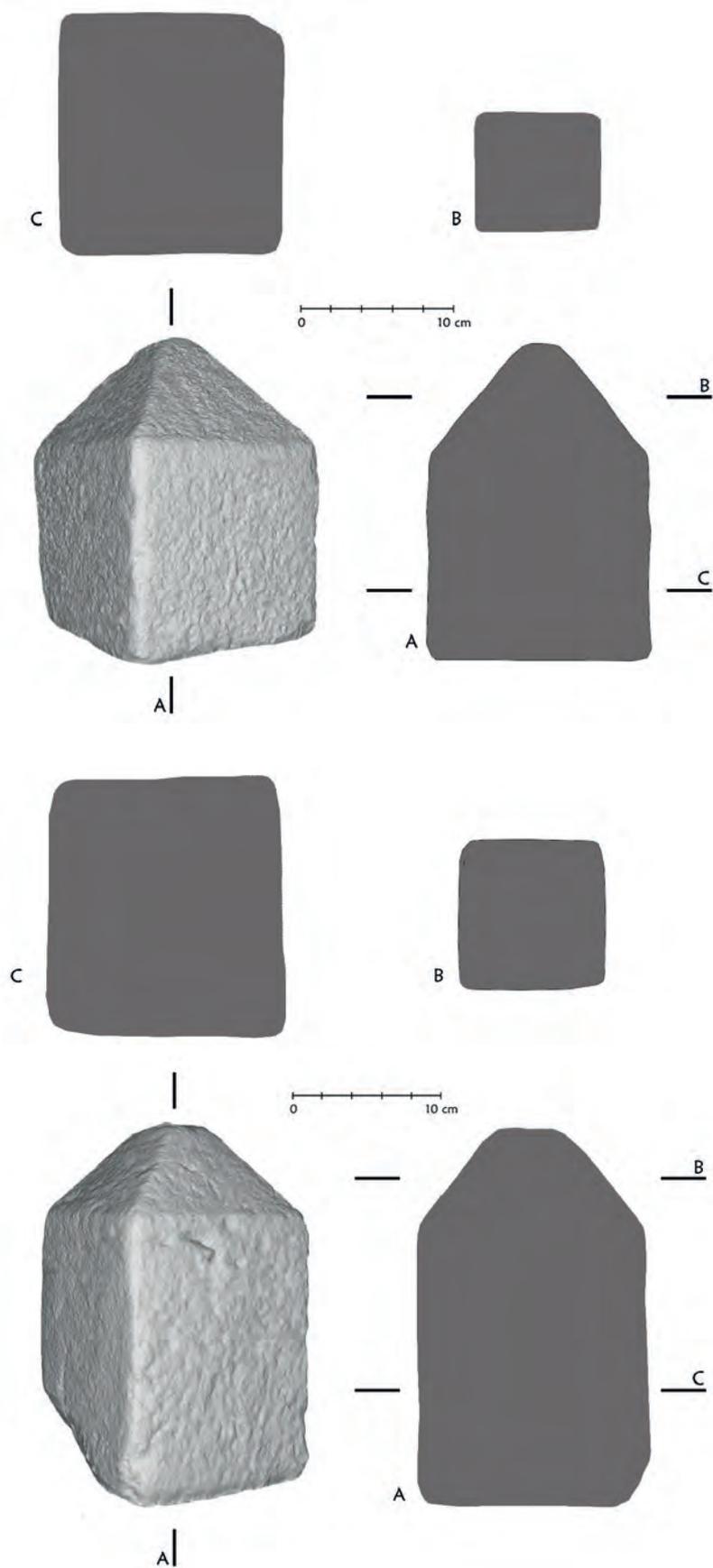


Fig. 3. Reprodução fotogramétrica e secções de dois cips (n.º 9 e 11).

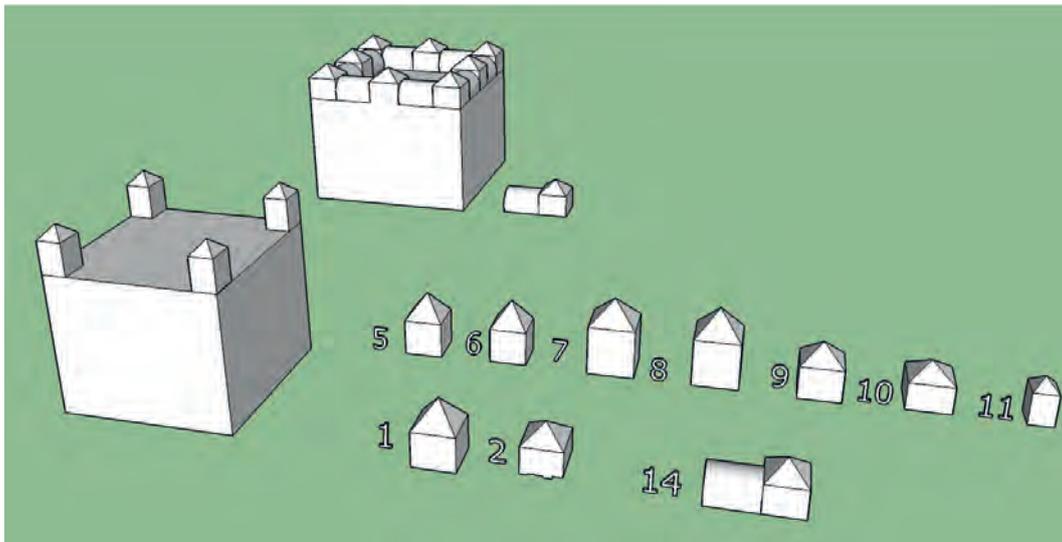


Fig. 4. Proposta de reconstituição de alguns cipos piramidais simples e compostos (Modelação realizada com o software SketchUp 2020, por Marcos Osório).

Um dos exemplares que mais se evidencia, em relação aos demais, foi talhado em granito fino amarelado e possui menor dimensão (n.º **11**, Fig. 3). Contudo, pode-se afirmar que existe uma dimensão padrão, variando na altura entre 47 e 81 cm e em largura entre os 28 a 49 cm. Estes dados revelam a existência de peças com o dobro da dimensão umas das outras o que se pode explicar pela sua integração em monumentos ou recintos funerários de diferente dimensão e, muito eventualmente, em edifícios de distinta tipologia.

Três peças diferenciam-se do conjunto e são fundamentais para a compreensão da primitiva funcionalidade que detinham no seu original contexto arquitetónico. São elementos que apresentam, para além da parte cúbica com remate piramidal, uma extensão sub-retangular mais comprida, talhada na mesma pedra, para um ou para ambos os lados, com a mesma largura e possuindo um remate superior plano (n.ºs **16**, **17** e **18**).

Uma delas foi descoberta fora da cidade romana de *Igaedis*, a cerca de 350 m de distância para nascente, reutilizada na ombreira de entrada de um “Furdão da Veiga” existente do outro lado rio. O segundo elemento encontra-se embutido no alicerce da torre semicircular setentrional da muralha, no local conhecido como “Tapada do ti Zé Espanhol”, e um terceiro exemplar surgiu na intervenção arqueológica das infraestruturas da Rua do Largo da Igreja, incorporada também no miolo do troço da muralha aí existente.

O comprimento máximo que estas peças compósitas apresentam é 90 cm (o que corresponde a três pés romanos) e no que respeita às dimensões os valores aproximam-se aos restantes exemplares (ver Quadro 2).

QUADRO 1 Identificação dos cipos piramidais de Idanha					
Nº	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	ESTADO	LOCALIZAÇÃO	POSIÇÃO
1	Cipo piramidal de base cúbica	Cipo simples	Completo, com danos no topo e na base	No topo da muralha, junto à porta sul	Depositado lateralmente
2	Cipo piramidal de base cúbica	Cipo simples	Completo?	No topo da muralha (enchimento), junto à porta sul, no lado exterior	Depositado lateralmente com vértice virado para o exterior
3	Cipo piramidal de base cúbica	Cipo simples	Completo	Na base do miolo da muralha, a poente da porta sul, do lado exterior	Depositado lateralmente
4	Cipo piramidal de base cúbica	Cipo simples	Completo	Na base do miolo da muralha oriental	Depositado lateralmente
5	Cipo piramidal de base cúbica	Cipo simples	Completo	No miradouro a poente da Porta Norte. Pináculo norte.	Colocado verticalmente. Possui grampos recentes
6	Cipo piramidal de base cúbica	Cipo simples	Completo	No miradouro a poente da Porta Norte. Pináculo sul.	Colocado verticalmente
7	Cipo piramidal de base cúbica	Cipo simples	Completo	No topo da muralha (reempregue como ameia), próximo da escola primária	Colocado verticalmente
8	Cipo piramidal de base cúbica	Cipo simples	Completo	No topo da muralha (reempregue como ameia), próximo da escola primária, a poente	Colocado verticalmente
9	Cipo piramidal de base cúbica	Cipo simples	Completo	No topo da muralha, a poente	Colocado verticalmente
10	Cipo piramidal de base cúbica	Cipo simples	Completo	No topo da muralha, a nascente	Colocado verticalmente
11	Cipo piramidal de base cúbica, alto e estreito	Cipo simples	Fraturado na base	Em depósito junto à catedral	Depósito
12	Cipo piramidal de base cúbica	Cipo simples	Fraturado na totalidade da base	Em depósito junto à catedral	Depósito
13	Cipo piramidal de base cúbica	Cipo simples	Fraturado na base e parte da zona piramidal	Em depósito junto à catedral	Depósito
14	Cipo piramidal de base cúbica	Cipo simples	Fraturado na base	Nos alicerces da torre semicircular noroeste	Colocado verticalmente
15	Cipo piramidal de base cúbica	Cipo simples	Completo	No miolo da base da torre sudoeste, do lado exterior	Colocado verticalmente
16	Cipo piramidal com extensão unilateral retangular	Cipo compósito	Completo (?)	No alicerce da torre ocidental, no alinhamento do <i>decumanus</i>	Depositado lateralmente

Nº	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	ESTADO	LOCALIZAÇÃO	POSIÇÃO
17	Cipo piramidal com dupla extensão lateral retangular	Cipo compósito	Completo (?)	No miolo da muralha oriental, no alinhamento do <i>decumanus</i>	Colocado verticalmente.
18	Cipo piramidal com extensão unilateral retangular	Cipo compósito	Fraturado na zona piramidal	No exterior da cidade, do lado nascente do rio	Colocado verticalmente. Reutilizada numa ombreira de porta

Da observação destas peças e da comparação das respetivas dimensões, o conjunto pode dividir-se em dois grandes grupos: um composto por peças com a parte inferior - que designaremos por plinto - acentuadamente alta, o que ocorre com as peças **4**, **5**, **7** e **8** e outro, consideravelmente menor, onde a parte piramidal é, por sua vez, pouco maior que o plinto quadrado, como ocorre nas peças **1** e **3**. Por fim, os restantes exemplares afastam-se morfologicamente, por se desviarem do padrão normalizado, como seja o caso do exemplar **10** no qual a parte piramidal é acentuadamente achatada, ou na peça **13** onde a altura do plinto e da parte piramidal apresentam alturas muito reduzidas. O mesmo ocorre num dos elementos compósitos (n.º **18**).

Desta simples observação é possível concluir que a integração arquitetónica destes exemplares se faria em monumentos distintos. Importa, no entanto, perceber se se tratará de monumentos tipologicamente diferentes ou de alterações morfométricas dentro de um mesmo tipo de monumentos ou recintos.

## 2. INTERPRETAÇÃO FUNCIONAL DAS PEÇAS

Este tipo de elemento arquitetónico de cronologia romana surge em Idanha, como já mencionado, sob duas variantes: os cipos piramidais simples e os cipos compósitos, acompanhados de um prolongamento para um dos lados (dois exemplares) ou para dois lados opostos (um caso isolado) e com remate plano na parte superior.

Do conjunto aqui em análise, com um total de 18 exemplares, a grande maioria, 14 peças, integra-se no modelo simples (cipo piramidal de base cúbica), enquanto apenas três são compósitos (cipo piramidal com extensão lateral).

### 2.1. Cipos piramidais simples e compósitos

Observando a morfologia destes últimos elementos, deduzimos que se enquadram na função de capeamento do topo de uma construção pétreo. Dada a reduzida dimensão de alguns exemplares, a respetiva integração arquitetónica aponta para monumentos de menor envergadura, com uma cadência de 90 cm de comprimento, deduzida a partir das três únicas peças compósitas encontradas.

Outra proposta alternativa é o de estas peças terem integrado primitivos monumentos funerários, de tipo columbário ou mausoléu, formando os remates dos cantos, eventualmente, com um outro elemento piramidal no centro do coroamento.

A funcionalidade destes cipos piramidais é-nos sugerida pelos famosos mausoléus de *Augusta Emerita*. O “Mausoléu dos *Vocconi*” é de planta quadrada, com 3,75x2,20 m (dimensões laterais), com 2,65 m de altura máxima e 2,20 m do lado exterior até ao coroamento. As paredes possuem uma espessura de 45 cm. No caso do “Mausoléu dos *Iulii*”, a planta é de planta trapezoidal, com uma dimensão média lateral de 3,32 m e paredes com 46 cm de espessura. Curiosamente, esta dimensão coincide com a largura do coroamento conservado nos três cipos piramidais de *Igaedis*.

Os cipos do “Mausoléu dos *Vocconi*” possuem a seguinte dimensão: 42x58x45 cm e o mausoléu dos *Iulii* 48x50x46 cm, aproximando-se ao módulo das peças de Idanha-a-Velha, sendo apenas um pouco mais “atarracados”.

Nos mausoléus emeritenses, os cipos piramidais dispõem-se numa cadência de dois a três por cada lado do monumento funerário, modelo que nos parece poder ter correspondência nos monumentos de Idanha-a-Velha. É possível que, por cada peça compósita identificada, existam um ou dois cipos piramidais individuais, tendo em conta que poderia existir uma combinação entre estes dois tipos de peças. Sendo assim, um cipo piramidal com capeamento convexo lateral funcionaria numa composição com dois outros cipos individuais, formando um coroamento construtivo com um total de três elementos: dois nos ângulos e um no centro, com intervalos de c. 50 cm, podendo atingir uma extensão total de 2 m a 2,20 m de módulo repetitivo. A cadência seria de 2 para 1, o que nos leva a considerar ser expectável a presença de mais peças compósitas, embora só tenhamos conhecimento de três exemplares. No entanto, esta formulação também pode explicar a presença de um maior número de cipos simples em comparação com os restantes.

É possível, deste modo, que em Idanha-a-Velha existissem construções funerárias com 2,20 m de lado, rematadas superiormente com três cipos piramidais, sendo dois compósitos, de cada lado, e um simples a meio (Fig. 4). Tendo em conta a quantidade de peças recolhidas e de acordo com esta hipótese de utilização dos cipos piramidais, podemos estimar a primitiva existência de, pelo menos, três ou quatro monumentos deste tipo em Idanha-a-Velha. Deveremos ter em conta que muitos outros elementos permanecem embebidos nas muralhas e outros terão sido destruídos ou reutilizados em diversas construções, o que permite supor que o universo terá sido consideravelmente maior do que o reduzido número que agora se apresenta.

Também se pode dar o caso de, neste tipo de monumento, apenas terem existido cipos piramidais compósitos, posicionados nos ângulos e de não se verificar a combinação com cipos piramidais isolados.

A desproporção entre o número de peças compósitas e simples pode dever-se ao emprego de capeamentos semiesféricos individualizados que pontualmente eram encimados por cipos piramidais isolados. Essa seria também a explicação para a frequente identificação de elementos arquitetónicos semiesféricos no miolo da muralha, isto é, de morfologia semicircular, ainda não estudados de forma detalhada. Na verdade, estas peças, muito semelhantes às *cupae*, têm sido interpretadas como tal, no entanto e dado serem anepígrafas, a grande maioria pode corresponder a simples coroamento de remate de edifícios ou de panos de parede. Bastará lembrar,

por exemplo, o seu emprego como coroamento do muro de delimitação da arena do anfiteatro de Bobadela.

Outro paralelo próximo, também em Mérida, é o mausoléu identificado na Calle Almendralejo nº 41, no limite nordeste da cidade romana (Heras Mora e Olmedo Gragera, 2010: 45-53). Este edifício surgiu numa zona de necrópole de especial relevância em época tardo-romana, mas tendo sido identificada uma fase anterior de enterramentos. Deste primeiro período, provavelmente de época tardo augustana (Bustamante, 2014: 144), incluem-se dois edifícios, um integralmente feito em silharia e outro (edifício 2), localizado defronte do anterior, mas dele separado por uma via sepulcral, construído em *opus incertum* e revestido a estuque. As dimensões deste último edifício são 2,62x1,84 m e uma altura de 2,80 m (Heras Mora, Olmedo Gragera e Pérez Maestro, 2017: 707-749), ou seja, um pouco menor que os mausoléus dos Vocónios e dos Júlios.

A terminação superior deste monumento oferece o mesmo tipo de acabamento dos anteriormente referidos. A face exterior conserva vestígios de pintura vermelha nas faces, encontrando-se na parte superior uma inscrição funerária que revela o nome do defunto: *Pubilia Haline*, uma liberta.

Os paralelos emeritenses da Calle Almendralejo, assim como os da necrópole dos Columbários, em Mérida, com enterramentos que não ultrapassam a primeira metade do século I d.C. (Márquez Pérez, 2006: 124-127), parecem constituir os principais paralelos para estas peças piramidais que agora se analisam.

No entanto, em todos os casos que temos mencionado, uma evidente diferença se impõe pelo facto de os exemplares emeritenses serem de alvenaria, enquanto as peças de *Igaedis* são na sua totalidade talhadas em pedra local, o granito<sup>6</sup>.

Quer em Mérida, quer em Idanha, o granito é abundante, encontrando-se comprovada a “fase granítica” da capital, correspondente à monumentalização citadina de época fundacional (Álvarez Martínez e Nogales Basarrate, 2003; Pizzo, 2010: 580 e 581; Barrera Antón, 2000), anterior ao início da exploração das pedreiras de mármore da zona de Estremoz, Borba e Vila Viçosa (Edmondson, 2011: 35). A marmorização que se seguiu, a partir da época de Augusto, especialmente nos edifícios públicos, não apagou aquele primeiro momento de utilização da pedra local com revestimento a estuque<sup>7</sup>.

Nos edifícios funerários emeritenses que temos mencionado, partimos do facto de os dois edifícios da Calle Almendralejo – o mausoléu em silharia e o mausoléu em alvenaria estucada e pintada, coroado por cipos piramidais de alvenaria – serem

(6) Devido àquele tipo de material e grau de desgaste sofrido, assim como os recentes trabalhos de restauro realizados nos monumentos emeritenses, os remates dos cipos piramidais apresentam uma morfologia arredondada no topo.

(7) A utilização do estuque como revestimento de elementos arquitetónicos está por demais referenciada não apenas na capital de província, como já mencionado, mas em muitos outros locais. É de sublinhar a fase estucada que se regista no teatro romano de Lisboa, mesmo quando é feita uma atualização ornamental da estrutura do *proscenium* no ano 57 d.C., com o emprego de novos litótipos: calcários rosa de proveniência regional (zona de Sintra) e mármore cinzentos da região alentejana, ainda que a fachada cénica, com os seus capitéis jónicos permaneça sem atualização (entre outros títulos Fernandes, *et alii*, 2019: 149-191; Fernandes, 2020: 535-570; Fernandes, 2022: 105-130).

coevos (Heras Mora, Olmedo Gragera e Pérez Maestro, 2017: 718). Este aspeto é relevante uma vez que nos remete para tipologias distintas de formas arquitetónicas funerárias que recorrem à cantaria e à alvenaria num mesmo período.

A opção pelo uso de cantaria ou pelo emprego da alvenaria estucada (e, eventualmente, também rebocada e pintada), ficará a dever-se a uma opção de gosto, mais do que a uma eventual contenção de gastos. Esta questão é interessante uma vez que a posição que os dois monumentos ocupam – situados em ambos os lados da via sepulcral – leva a inscrevê-los em idêntico contexto económico por parte do encomendante, nos dois casos com capacidade para custear talhões junto à via.

Se a integração arquitetónica dos cipos piramidais nos parece óbvia quando comparada com os elementos análogos de alvenaria dos mausoléus de Mérida, não podemos deixar de considerar estranho o facto de não se registarem aqui elementos idênticos em cantaria.

Os paralelos em solo itálico sublinham a disseminação de tais modelos arquitetónicos por todo o império. O bem conhecido monumento funerário mandado fazer por *Naevoleia Tyche* em Pompeia em homenagem ao seu marido *Gaius Munatius Faustus*, destaca-se pela sua imponência, morfologia e detalhe ornamental (Mouritsen, 2005: 38-63). O altar retangular é rematado superiormente por dois *pulvini* e ornado num dos lados por um assento *bisellius*<sup>8</sup>. Ao longo da via que conduz à Porta de Herculano observam-se variados monumentos funerários, muitos com recinto, sendo este definido por um muro alto que por vezes liga vários monumentos entre si, organizando o espaço ao longo da via, podendo interromper-se por pequenas ruelas perpendiculares à via principal. É na parte superior destes muros de delimitação que se observam pequenos pináculos piramidais semelhantes aos que aqui se analisam (Figs. 5 e 6).

Alguns destes elementos apresentam por vezes uma altura acentuada sendo feitos em alvenaria ainda que em alguns deles a parte superior piramidal possa ser em pedra.

Na via da Porta do Vesúvio um dos túmulos mais monumentais é o do magistrado *Gaius Vestorius Priscus* (entre outros cf. Clark, 2003: 180 e ss.), um jovem edil de 22 anos a quem, por decreto dos decuriões, foi ofertado o monumento no valor de 2 mil sestércios. Datado de 75-76 d.C., o mausoléu é composto por uma base quadrada encimada por um altar com figuras simbólicas<sup>9</sup>. Nos quatro cantos da base ou *podium* quadrado observam-se, mais uma vez, pequenos cipos com remates superiores piramidais. Por sua vez, o monumento encontra-se rodeado por um muro alto o qual é igualmente rematado nos respetivos ângulos por outras torres piramidais (Fig. 7). Estas terminações em pirâmide são, pois, um motivo frequente na arquitetura funerária de época imperial.

(8) Ou duplo assento, no teatro ou no anfiteatro, que lhe terá sido ofertado pela comunidade. Trata-se de um liberto, membro da irmandade de Augusto e oficial da cidade.

(9) Em relação à simbologia ou significado iconográfico do que é representado em tais monumentos, veja-se a interpretação apresentada por J. R. Clark, 2003 ao afirmar que as composições figurativas constantes em tais monumentos, mais do que representarem um mundo idílico no além, são retratos da vida terrena que o encomendante ou o defunto procuram evidenciar e como tais imagens são mensagens que se dirigem ao homem comum. Coloca em questão que tais monumentos sejam feitos por uma elite ou dirigidos a ela.



Fig. 5. Rua da Porta de Herculano, em Pompeia, observando-se em primeiro plano, do lado direito, o monumento a *Gaius Munatius Faustus*.

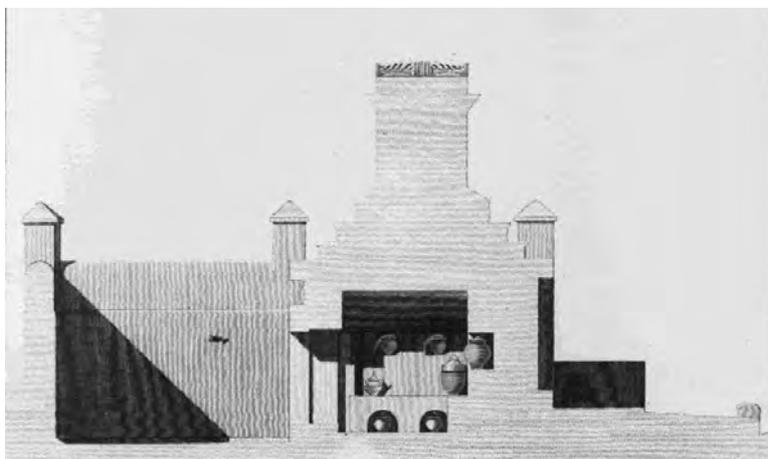


Fig. 6. Corte do monumento funerário de *Gaius Munatius Faustus* (in Mazois, F., 1824. *Les Ruines de Pompeii: Première Partie*. Paris: Didot Frères: cross section of tomb and tomb chamber, Pompeii, pl. 22, 1).



Fig. 7. Pompeia, túmulo de *Gaius Vestorius Priscus*.  
<https://www.google.com/search?source=univ&tbm=isch&q=Necropoli-di-Porta-vesuvio-sulla-destra-tomba-di-Vestorio-Prisco-1200x799.jpg> (accedido a 20 de janeiro 2022).

Este tipo de mausoléus, tão habitual em Pompeia evidenciam soluções arquitetónicas bastante semelhantes, embora se registre uma liberdade arquitetónica e ornamental demonstrada pela presença de monumentos diversos entre si, ilustrando a opção por diferentes tipologias funerárias coevas.

No entanto, a substancial diferença destes elementos piramidais encontra-se no facto de serem em alvenaria e não em pedra. Somente encontramos elementos em pedra nos separadores do loteamento geral do *sepulcretum*. A separação entre os lotes era feita por pequenos elementos pétreos, como se observa junto ao monumento de *Vestorius Priscus*, acima mencionado (Fig. 7), embora não apresentem uma morfologia piramidal<sup>10</sup>.

As opções arquiteturais disponíveis eram muitas e o espaço ocupado, parcial ou na totalidade, dependia da opção do encomendante em dotar o seu lote de uma área pública. Isto é, o espaço perimetral deixado em redor do monumento dependia do que se pretendia em termos de comemoração pública dos rituais. O mesmo acontecia em relação ao recinto mais privado. Naturalmente que modelos e práticas deposicionais, assim como os ritos e práticas funerárias dos vivos em relação aos mortos, foram sendo alteradas ao longo dos séculos, sendo progressivamente mais usuais os rituais de celebração do defunto.

Tal como refere Virgínia Campbell, os romanos contruíam monumentos funerários mais destinados aos vivos do que aos mortos (2008: 31). Nos casos que mencionámos de Pompeia ou de *Emerita*, onde se presencia um muro alto que encerra um recinto mais privado no interior do qual se localiza o monumento, observam-se dois locais de acesso público sendo o interior mais privado que o anterior. É possível, pois, considerar o muro alto como uma muralha honorífica que resguarda o espaço interior de acesso mais restrito. Estes espaços eram criados de forma a permitir um conjunto de interações entre os vivos e os mortos, uma certa convivência que, mais que aceitável, era largamente esperada (Campbell, 2008: 32)<sup>11</sup>.

Tais morfologias construtivas que se podem identificar em *Igaedis* remetem para uma relação próxima com a capital da província. No entanto, o modelo deste tipo de monumentos funerários não nasceu em *Augusta Emerita*. Ao observar os exemplos em tão grande número das necrópoles de Pompeia e de Herculano, torna-se evidente uma origem dos modelos do território itálico, ainda que, muito provavelmente a origem deva ser mais recuada e longínqua.

Um outro tipo de monumento funerário em que poderemos pensar são os monumentos funerários turriformes. Também neste caso, o solo itálico é, naturalmente, a origem mais provável para tais modelos. Quer Roma quer a Campânia teriam monumentos turriformes variados, correspondendo a uma reelaboração que, no séc. II a.C. congrega diferentes e múltiplas influências

(10) O loteamento de cada parcela pode ser inteiramente ocupado pelo monumento ou, ao invés, abranger apenas uma parte. Veja-se, a este propósito o *sepulcretum* de Córdova (Desiderio Vaquerizo e Ruiz Osuna, 2020: 84, fig. 2), onde as áreas dos monumentos sepulcrais não são coincidentes com a dimensão dos lotes.

(11) A presença de muros de delimitação que encerram vários altares ou outros tipos de monumentos funerários pode ser extremamente complexo. Veja-se o caso de Aquileia na necrópole da *Via Annia* (Borbonus, 2020: 15-38 e figs. 2 e 3), sendo que alguns conjuntos poderão pertencer a *collegia*.

(Hesberg, 2006: 34). Se pensarmos que esta disseminação pelo império ocorrerá ao longo de um tempo longo, é natural que alterações formais sejam progressivamente introduzidas, modificando o modelo inicial e criando, em alguns casos, novos tipos arquitetónicos.

Os exemplos são muitos, confirmando uma tipologia de remates de monumentos funerários habitual em época imperial. As peças de Idanha-a-Velha, quer no que se refere aos cipos compósitos quer aos simples, são pequenas pirâmides com uma base quadrada elevada integralmente talhadas em pedra. Ainda que tentemos ver estes dois tipos de peças associados a um mesmo monumento pensamos que é possível terem pertencido a tipologias distintas de edifícios.

Uma das hipóteses é a de os cipos simples poderem ter integrado um tipo específico de “mausoléu-torre”. Também neste caso é difícil a determinação da origem deste tipo de monumentos funerários, podendo-se atribuir uma influência púnica que parte dos *naïskos* de tradição egípcia. A pirâmide é uma morfologia arquitetónica enraizada na cultura clássica e que, desde sempre, exerceu um fascínio particular nos romanos<sup>12</sup>.

Estes monumentos turriformes, bem conhecidos por todo o império, não estão identificados em território nacional, ainda que se registem em *Augusta Emerita*. É nítida uma multiplicidade de soluções, mas, simultaneamente, um fundo comum a todos estes monumentos. Esta finalização superior, consoante os casos, diferencia-se pela sua projeção, altura ou base de assentamento, sempre feita em pedra, recorrendo a silharia em composições complexas, evidenciando a estereotomia perfeita e um desenho prévio à execução.

Pensar que os pequenos cipos piramidais de *Igaedis* se encaixariam em modelos deste tipo, sem que qualquer outra evidência autorize tal relação é claramente abusivo, mas em monumentos de menor dimensão, de morfologia turriforme, pensamos que o remate piramidal do monumento constituiria uma terminação simbolicamente possível.

Neste sentido, monumentos turriformes de morfologia escalonada e de singela dimensão, tal como o que se regista em Mérida (monumento remontado no interior do museu<sup>13</sup>) e que atualmente não possui qualquer remate superior, permite pensar que poderia ser encimado por um cipo piramidal semelhante aos de *Igaedis* (Figs. 8). Embora esta hipótese seja aliciante, não se presencia qualquer negativo de sistema de encaixe na base do plinto nem nas faces laterais. Não que tal fosse imprescindível, mas parecer-nos-ia lógico que existisse um reforço na colocação deste último elemento de forma a tornar mais coesa a parte mais alta do monumento.

(12) Bastará lembrar a pirâmide de *Caius Cestius*, feita em Roma, datável de finais do ano 18 a.C. pertencente ao pretor, da *entourage* próxima de Agripa, que prestou serviço no Norte de África (Van Aerde, 2015: 165-166). Este exemplo, a par de uma outra possível pirâmide, da qual restam ténues vestígios junto à Via Ápia, em Roma, não são conhecidos na parte ocidental do império, especialmente com morfologias tão próximas às suas congéneres egípcias. A inscrição da pirâmide de *Caius Cestius*, no entanto, “seems to mark it rather a monumental Roman family tomb and not as a pyramid tomb specifically” o que denuncia a relevância e o simbolismo da forma (*idem*: 170).

(13) É o bem conhecido monumento a Zósimo, legionário que combateu na Legião Gemina VII e que participou nas Guerras Cántabras (Blanco Freijeiro, 1983: 235-243).



Fig. 8. Monumento a Zósimo conservado no Museo Nacional de Arte Romano, Mérida. (Nº inv. CE26728. Fotografia de Miguel Ángel Otero Ibáñez).

<http://ceres.mcu.es/pages/Main?id=5611&inventory=CE26728&table=FMUS&museum=MNAR> (acedido a 28 de fevereiro 2022).



Fig. 9. Monumento funerário em Isola Sacra (*Portus Augusti*) dedicado a *Caius Annaeus Atticus Pictor* (ou *Picton*). <https://www.romanports.org/en/articles/human-interest/64-a-place-without-fear.html> (acedido a 24 de outubro 2022).

Podemos apontar um outro paralelo para a integração arquitetónica dos cipos piramidais. Na necrópole de Isola Sacra (*Portus Augusti*), o monumento dedicado a *Caius Annaeus Atticus Pictor* (ou *Picton*) (Tacoma, 2017: 141 e 142) tem a forma de uma pirâmide, com relativa pouca altura, feita em *lateres*. A placa com o epitáfio, em mármore, foi colocada na base (Fig. 9) e na parte superior o remate do monumento é feito com uma pedra que replica a morfologia piramidal. Neste caso, no entanto, não existe um plinto na parte inferior, antes uma simples pirâmide pétrea que remata a pirâmide maior em tijolo.

Os cipos piramidais de *Igaedis* - até ao momento em número de 18, ainda que o seu número de exemplares possa vir a aumentar consideravelmente - inscrevem-se na ornamentação dos monumentos funerários de época romana. A integração arquitetónica que possam ter tido, apesar da semelhança formal que estabelecem com outros exemplares, permite a sua possível atribuição possivelmente a um conjunto diversificado de recintos ou monumentos, tendo em conta a variabilidade métrica que as peças exibem, assim como pelo facto de estarmos em presença de peças simples e compósitas.

Não obstante tais considerações, não podemos afastar a ideia de que o contexto que definimos poderá, inclusivamente, ser mais vasto que a eventual integração funerária. O facto de se registarem exemplares em contexto doméstico e morfologicamente muito próximos, na zona da Galiza pode sugerir uma diversidade de utilizações deste tipo de peças que, à partida, não lhe atribuiríamos.

Ainda que tais exemplares não estejam, até ao momento, devidamente publicados, apresentamos algumas imagens, agradecendo a Adolfo Fernández (Universidade de Vigo, Espanha) a partilha da informação assim como as fotografias e dimensões fornecidas (Fig. 10). São seis exemplares, em granito, que ostentam uma proximidade evidente com as peças de Idanha-a-Velha, especialmente morfológica. A parte superior piramidal oscila consistentemente entre os 26 e os 27,5 cm, e a base reta apresenta uma altura entre os 19 / 20 cm. A altura total das peças varia entre os 46 / 47,5 cm e a base corresponde a um quadrado de 23x23 cm. As dimensões parcelares dos plintos são menores se em comparação aos plintos dos cipos de Idanha (apenas dois exemplares têm um plinto com uma dimensão aproximada), ainda que as alturas da parte piramidal sejam similares.



Fig. 10. Cipos piramidais da *domus* de Cibdá de Armea (Allariz, Galiza). Fotografias de Adolfo Fernández Fernández (Universidade de Vigo).

Globalmente, as peças de Idanha são maiores embora a diferença não seja acentuada. As peças de Allariz são mais elegantes e alongadas, o que decerto se prenderá com o contexto arquitetónico em que se inscreveram.

Com efeito, as peças são provenientes da designada “*domus leste*” da Cibdá de Armea (Allariz, Galiza), atribuível cronologicamente a um período entre a época flávia e os finais do séc. II d.C., tendo sido recolhidas em níveis de colmatação que as permite relacionar com a destruição do muro de fachada principal da *domus*, em local que daria acesso ao átrio. Os responsáveis do projeto de intervenção interpretam os exemplares como possíveis elementos de coroação da fachada principal.

Este paralelo tão próximo geograficamente permite, pois, uma nova interpretação da função destas peças. Morfologias tão simples quanto a forma piramidal leva a pensar em modelos que trespassem séculos e culturas e que, dado o sucesso imagético que desde sempre suscitaram se repetem quase invariavelmente, como é o caso dos pináculos que atualmente continuam a decorar portões ou a encimar jazigos (Fig. 11).



Fig. 11. Cemitério de Covas (Tábua, Portugal). Jazigo de família da 1ª metade do séc. XX.

### 3. ASPETOS TECNOLÓGICOS

Numa rápida visualização do conjunto de peças agora analisado ressalta, em primeiro lugar, a uniformização do talhe e a grande semelhança das peças entre si. Naturalmente que as diferenças se estabelecem entre a própria morfologia / tipo dos espécimes, uma vez que três são compostos e quinze são simples.

As peças são de bom talhe, denotando vestígios de afeiçoamento cuidado, assim como de polimento das faces, o que é mais visível na parte de morfologia piramidal. Algumas superfícies evidenciam desgaste e alguma *patine* devido ao facto de se encontrarem a descoberto, colocadas em cima da muralha ou como pináculos

decorativos (especialmente as peças 7 e 8) enquanto outras estão danificadas e partidas, o que ocorre nas peças 12, 13 e 14. Não obstante, e na sua grande maioria, os exemplares denunciam uma boa estereotomia e um tratamento cuidado das superfícies, sublinhando-se a especial atenção na execução das arestas vivas do topo piramidal. A peça 9, no entanto, é um pouco assimétrica na sua morfologia.

Os plintos não são exatamente quadrados, ainda que nos exemplares 1, 5, 6, 10, 14 e 15, apenas se observem diferenças mínimas de 1 cm. O exemplar 13 é o único que possui os lados do plinto precisamente iguais.

Certamente que algumas destas peças, se não na sua totalidade, se destinavam a encaixar em algum outro elemento ou estrutura, como o comprovam as concavidades possivelmente de uso de fórfix, como ocorre nas peças 7, 8 e 17 e destinando-se, assim, a serem elevadas à altura conveniente. Este aspeto é relevante pois se os dois primeiros exemplares são cipos simples, o último é compósito, possuindo uma extensão lateral retangular denunciando idêntico posicionamento. Ambas as tipologias podem, assim, destinar-se a pontuar estruturas com razoável altura.

Para esta ideia igualmente concorre a própria morfologia das peças uma vez que na sua grande maioria o plinto é acentuadamente alto. Refiram-se as peças 4, 7 e 11, respetivamente com 42 cm, 54 cm e 36 cm de altura do plinto. Em contraposição, alguns exemplares possuem um plinto com uma altura bastante menor, como no exemplar 15 com 18 cm de altura. Ainda assim é evidente que as peças que apresentam um plinto mais alto são as mais comuns.

O reaproveitamento dos exemplares foi intenso, como se pode comprovar com o seu posicionamento atual, colocados a encimar a muralha tardo romana ou como material de enchimento do interior da própria muralha ou, como ocorre com o exemplar 18, a servir de ombreira de porta. As peças 5 e 6 possuem grampos, colocados em época recente, comprovando esta reutilização.

#### **4. MONUMENTALIZAÇÃO E PAISAGEM FUNERÁRIA DA CIDADE DE *IGAEDIS***

Os melhores exemplos de uma “cidade dos mortos” é-nos oferecida pelas cidades de Herculano e de Pompeia que, a par de Roma, oferecem exemplos de arquitetura funerária romana que, pela sua riqueza e diversidade, sublinham a multiplicidade de soluções que as necrópoles de época romana apresentavam.

*Aediculae*, *columbaria*, arcos monumentais, altares, *columellae*, monumentos cilíndricos, *tumuli*, estelas, são apenas alguns exemplos, embora cada uma destas tipologias de monumentos, possa incluir diversas variantes que estabelecem diferenciação personalizada, fazendo-o diferente do seu congénere e personalizando - de acordo com o gosto do encomendante, não raras vezes o do próprio defunto - o interior e o exterior do monumento. Inscrições, pinturas, nichos, bases, elementos arquitetónicos, telhados, abóbadas, cornija, sistemas hidráulicos, baixos-relevos ou estatuária, são apenas alguns dos elementos ornamentais que podem modificar monumentos formalmente idênticos.

A bibliografia disponível sobre o tema da monumentalização funerária no atual território nacional é extremamente reduzida, especialmente se cotejada com os trabalhos publicados em Espanha, desde logo com os muitos títulos disponíveis para a capital da província da Lusitânia romana<sup>14</sup>. Esta discrepância de dados poderá ter alguma explicação e eventual justificação, desde logo pelas condições geográficas do lado português, especialmente a região norte do território, uma região montanhosa com ocupação esparsa e sem grandes aglomerados populacionais (cf. Carvalho, 2007: 333-398). O território da zona noroeste da província é pois bastante distinto, embora não possa ser responsável, por si só, por uma ausência de monumentos tão evidente.

Temos de pensar, como parece ocorrer no caso de Idanha-a-Velha, que a pilhagem, desamortização e reutilização dos vários monumentos, funerários, religiosos e outros, ocorreu desde cedo e de forma drástica, perpetuando-se posteriormente de forma sucessiva. Os poucos indícios que sobreviveram revelam, no entanto, uma arquitetura monumental que se enquadra de forma categórica no contexto imperial da primeira grande monumentalização da cidade de *Igaedis*, partilhando os mesmos modelos arquiteturais e ornamentais da capital de província *Augusta Emerita* e do todo que, na sua imensa diversidade, foi a paisagem construída do império romano.

Os achados da Quinta da Fórnea (Belmonte) – dois mausoléus de modestas dimensões, de secção quadrada, situados lado a lado, decorados (ambos?) com *pulvini* e de cronologia alto imperial – confirmam que a situação geográfica não funcionou como barreira cultural (Santos e Carvalho, 2008: 127-143). Os indícios materiais que sobreviveram, sejam *pulvini*, inscrições, capitéis, bases ou, no caso vertente, os cipos piramidais, confirmam plenamente uma uniformidade de soluções arquitetónicas e decorativas empregues por todo o império e em todas as províncias.

A primeira monumentalização que ocorre nas cidades do interior norte da província da Lusitânia acompanha o que se passa em *Augusta Emerita*, seguindo as mesmas tendências e copiando os mesmos modelos e formas de construir (Fernandes, 2008: 231-270). Esta fase granítica, traduz-se em técnicas e materiais específicos que, embora rapidamente substituídos na capital provincial, se mantêm constantes nas regiões mais afastadas do território atualmente português (Fernandes, 2010: 25-50; *idem*, 2019-2020: 67-78). Igualmente considerada por alguns autores que caracterizam esta primeira fase construtiva como uma “arquitetura militar”, balizada cronologicamente entre o séc. I a.C. e a primeira metade do séc. I d.C. (Álvarez Martínez, 1992: 90-91), em contraposição a uma “arquitetura do mármore”<sup>15</sup>, parecem, cada vez mais, que aquele epíteto se adequa ao panorama político, social e económico que caracterizou a região norte do território ocidental da província da Lusitânia, mas, de igual modo, a região mais a norte abrangendo a atual região da Galiza espanhola.

Uma constância e aparente imutabilidade das opções técnicas construtivas e ornamentais deve-se a razões várias, onde o isolamento geográfico tem,

(14) Cf. por exemplo: Bejarano Osorio, 2000; Márquez Pérez, 1996; *idem*, 2006; Nogales Basarrate, *et alii*, 2012.

(15) Posteriormente, estes mesmos autores optaram por distinta designação, substituindo a de “arquitectura militar” para “arquitectura em pedra”, termo igualmente adotado pela escola alemã (cf. Álvarez Martínez e Nogales Basarrate, 2004: 304).

naturalmente, algum peso, embora não possa ser considerado, como já referido, como justificativa exclusiva de um eventual anacronismo ou arcaísmo cultural (Fernandes, 2020: 535-570).

Estas mesmas características podem ser constatadas na arquitetura monumental emeritense nos momentos da fundação, como seja o caso do fórum colonial ou do teatro, edifícios propagandísticos que inauguram o destino da cidade e ilustram o poder de Roma, crucial numa fase inicial de engrandecimento citadino e onde “El peso de la *consuetudo italica* augustea será determinante” (Barrera Antón, 2014: 44-50).

Na verdade, quer na capital de província, quer, de sobremaneira, no território dela dependente, o mármore apenas passará a ser empregue bem avançado o séc. I d.C. Não é, pois, de estranhar que, antes do estabelecimento de tal comércio e do emprego generalizado desse *pagus marmorius* que viria a caracterizar a época de Augusto, sejam os ensinamentos de solo itálico os aplicados nas novas construções que a inauguram (Barrera Antón, 2018: 125-153). Tais normas chegam a solo lusitano desde muito cedo, quer através das populações itálicas que progressivamente alcançam o território peninsular, quer especialmente pelos seus construtores, consubstanciados pelos exércitos que fundaram a cidade e os quais, especialmente na região norte dos atuais territórios português e espanhol permaneceram por longo tempo, seja pela manutenção da paz, seja pela exploração de várias matérias-primas que exigiam apertado controlo.

As marcas arquitetónicas desses primeiros momentos de materialização construtiva vão sendo posterior e lentamente substituídas por outras, passando a refletir novos modismos que, cada vez mais rapidamente percorrem o império. As evidências dos primeiros momentos de monumentalização são, na maior parte dos casos, difíceis de identificar e, quando falamos da arquitetura do mundo funerário a questão revela-se particularmente difícil uma vez que os exemplos são em menor número que os exemplares da arquitetura pública ou civil.

Lentamente, especialmente para o caso da região agora em apreço, vão-se conhecendo alguns exemplos de monumentos funerários que nos apontam para uma multiplicidade e heterogeneidade de soluções arquitetónicas e ornamentais. Recordemos de novo o caso dos monumentos funerários da Quinta da Fórnea II (Santos, Carvalho, 2008: 127-143), acima mencionados que se aproximam dos casos emeritenses da Calle Almendralejo (Heras Mora e Olmedo Gragera, 2010: 45-53), embora de menor dimensão e com paralelos igualmente na região mais a sudeste, como o caso de *Ammaia* (Pereira, 2012: 371-392).

O elevado número de epígrafes funerárias gravadas em placas funerárias (cf. Sá, 2007) recolhido em Idanha-a-Velha, e que, pela sua morfologia se destinariam a ser colocados nas paredes dos mausoléus, quaisquer que tenha sido a morfologia de tais edifícios - assim como o número avultado de *pulvini* de evidente semelhança entre si que aqui se registam, assim como na região envolvente (respetivamente cerca de 50 e 60 elementos: Carvalho, Fernandes e Lacerda, 2022: 397-416; Ferreira, 2021), evidenciam a quantidade de monumentos funerários que *Igaedis* terá possuído,

comprovando uma riqueza e diversidade arquitetônica e ornamental notáveis, ainda que num primeiro relance não seja evidente.

O granito será, quer em *Igaedis* quer no território envolvente, o material por excelência onde se materializa uma romanidade muito própria. Esta permanência da matéria-prima local e da técnica a ela associada, a qual recorre ao estuque onde são aplicados os *ornamenta*, corresponderá a uma forma de fazer e a um estilo que será recorrente ao longo de séculos. Outras matérias-primas e distintas técnicas não são, no entanto, desconhecidas. O mármore será usado, mas de forma parcimoniosa, sendo o apanágio de uma elite. As *civitates*, as *villae*, os *vici* permanecerão com as primeiras soluções arquitetônicas cumprindo uma *mos maiorum* que, decerto, será também um anacronismo, mas que não pode ser reduzido a tal interpretação pois traduz uma opção e um gosto que encerra uma justificação simbólica mais profunda.

Neste contexto, o que nos revela a análise dos exemplares arquitetônicos aqui apresentados? A presença de um tão grande número de peças tipologicamente semelhantes em Idanha-a-Velha, na sua grande maioria recolhida do interior das muralhas de cronologia tardo romana, permite pensar que o número de recintos ou monumentos funerários que os integrariam seria considerável uma vez que os exemplares analisados são somente os que, de forma casuística, se encontram visíveis no interior da muralha, mercê do seu pontual derrube, ou outros que, também de forma também particularizada se encontram depositados em armazéns ou reutilizados na arquitetura rural.

Quanto à primitiva localização destes monumentos funerários, é relevante ter em consideração as referências à existência de uma «cidade no exterior, do lado de fora, e na outra margem do rio Pônsul» como mencionado nas *Memórias Paroquiais* de 1758 (*apud* Almeida, 1956: 352-358; cf. ainda, Salvado, 2010) de onde provém uma das peças (n.º 16). Sendo a prática romana dos enterramentos realizada sempre no exterior da cidade e dado que o perímetro urbano chegava até quase ao rio Pônsul, é legítimo supor que à saída da cidade, a oriente, na via que atravessa a ponte em direção a sul, a Mérida, por Alcafozes, se localizasse uma das necrópoles da cidade<sup>16</sup>. Ao serem desmantelados tais monumentos, ainda em período tardo-imperial, foram reutilizados de forma apressada na muralha, sobretudo no flanco sul e sudeste.

As últimas intervenções arqueológicas realizadas junto à porta sul da muralha de *Igaedis* revelam, efetivamente, uma amortização profunda do espaço construído (Carvalho *et alii*, 2022). O mesmo se pode dizer em relação a todo o perímetro da muralha uma vez que se registam exemplares aqui apresentados em vários troços da mesma (Fig. 2). No entanto, e como referido, a maior concentração de cipos piramidais ocorre na porta norte (lado poente) (peças 5-10 e 14), com um total de sete exemplares, e em torno da porta sul (peças 1-3 e 15) onde se registam cinco peças. Incorporadas no limite defensivo oriental, encontram-se as peças n.ºs 4 e 17, e numa torre ocidental a peça n.º 16. Para além da peça reutilizada fora da cidade, nos furdões da margem direita do rio Pônsul (n.º 18), os restantes três exemplares, provenientes de outras partes da cidade, estão depositados junto à catedral (peças 11-13).

(16) Não é descabido colocar a hipótese de a capela de S. Sebastião, situada na área da necrópole oriental, assentar num mausoléu (Caetano, 2002: 321).

A implantação dos achados permite estabelecer uma correlação direta entre vias de saída/entrada na cidade e a possível localização de necrópoles e, deste modo, estabelecer uma interpretação funcional relacionada com contextos de arquitetura funerária. No entanto, e tendo em conta os exemplares da zona da Galiza, podemos alargar a interpretação relativamente ao contexto funcional de tais elementos e atribuir-lhes igualmente, uma função de caráter doméstico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sublinhamos o facto de as peças que agora se apresentam, em número de 18, às quais atribuímos a designação de “cipos piramidais” serem os primeiros exemplares deste tipo identificados e individualizados. Na bibliografia consultada não foram observados exemplares precisamente iguais, ainda que peças feitas em alvenaria que aqui se apresentam como elemento comparativo, possam ser morfologicamente aproximadas. Esta diferença de material parece-nos relevante pois pode indicar a sua integração em formas arquitetónicas funerárias distintas dos que ostentam cipos piramidais em alvenaria, como os vários paralelos indicados em Mérida, mas também em solo itálico.

Neste sentido, a interpretação de tais peças terem sido empregues nos remates de monumentos funerários turriformes ou nos monumentos escalonados referenciados em Mérida, parece-nos uma proposta plausível. Os exemplares da Galiza permitem, por outro lado, oferecer uma nova, distinta e interessante interpretação.

O desconhecimento e ausência de paralelos para estas peças poderá dever-se, como mencionado no início deste trabalho, à não publicação circunstanciada de exemplares semelhantes, o que pode ser justificado eventual confusão formal com elementos da arquitetura militar de épocas posteriores.

Estes 18 exemplares de *Igaedis*, podem indicar uma diversidade ornamental, eventualmente tipológica, dos edifícios onde se inseriam. Ao facto de não encontrarmos paralelos exatamente decalcáveis em contextos funerários, podemos aproximar a explicação de Henner von Hesberg ao fenómeno da transmissão das formas arquitetónicas na arquitetura provincial (2006: 11). Será que o significado de cada elemento precede a escolha das formas, ou será que estas mais não são que elementos individuais que se agregam a modelos arquitetónicos? Seguindo esta última ideia, teríamos de perspetivar estes elementos como resultado de uma propagação abstrata da forma, movimento comparável ao das ondas, onde cada uma é a responsável pela criação de outra (Hesberg, 12)<sup>17</sup>. A presença de remates em *pyramidium* em *Igaedis* e a ausência de elementos semelhantes no restante território provincial, pode sugerir uma metabolização de formas similares, repetidas por mimetismo, mas sem fundamento concetual.

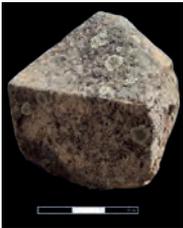
As morfologias construtivas evidenciadas remetem para uma relação próxima com a capital da província, com a qual Idanha-a-Velha teve contactos próximos, como tem sido atestado por diversos autores em relação a diversos aspetos, especialmente ao nível da epigrafia (Redentor *et alii*, 2022) e da arquitetura (Carvalho *et alii*, 2022).

(17) Tradução nossa do francês.

Embora a incógnita sobre a real funcionalidade destes elementos não tenha sido categoricamente revelada nesta fase dos trabalhos, o objetivo é dá-los a conhecer, esperando que surjam mais casos em contexto urbano ou não, na região lusitana ou na restante Península Ibérica, que nos ajudem a entender a natureza destas peças através de um maior número de casos e informações contextuais.

QUADRO 2 - CATÁLOGO					
Nº	DIMENSÕES (CM)	ESTADO	MATÉRIA-PRIMA	MORFOLOGIA / DESCRIÇÃO	POSIÇÃO
1	Alt. total - [64] Alt. plinto - 37 Alt. pirâmide - [27] Dim. plinto - 43x42	Completo, com danos no topo e na base	Granito de grão médio amarelado	Cipo piramidal de base cúbica. Plinto alto. Cipo simples e exento	
2	Alt. pirâmide - 17 Dim. plinto - 40x42 (?)	Completo?	Granito de grão médio amarelado	Cipo piramidal de base cúbica. Arestas bem definidas e superfície muito polida. Cipo simples e exento	
3	Alt. total - 54 Alt. plinto - 33 Alt. pirâmide - 21 Dim. plinto - 45x?	Completo	Granito de grão médio amarelado	Cipo piramidal de base cúbica. Superfícies Cipo simples e exento.	
4	Alt. total - [61] Alt. plinto - 42 Alt. pirâmide - [19] Dim. plinto - 43x39	Completo, limite superior ligeiramente partido	Granito de grão fino esbranquiçado	Cipo piramidal de base cúbica. Plinto acentuadamente alto e parte piramidal muito pequena. Cipo simples e exento	
5	Alt. total - 66 Alt. plinto - 39 Alt. pirâmide - 27 Dim. plinto - 40x39	Completo	Granito de grão grosso acinzentado	Cipo piramidal de base cúbica. Cipo simples e exento	

Nº	DIMENSÕES (CM)	ESTADO	MATÉRIA-PRIMA	MORFOLOGIA / DESCRIÇÃO	POSIÇÃO
6	Alt. total - 66 Alt. plinto - 38 Alt. pirâmide - 28 Dim. plinto - 39x38	Completo	Granito de grão grosso acinzentado	Cipo piramidal de base cúbica. Cipo simples e exento	
7	Alt. total - 80 Alt. plinto - 54 Alt. pirâmide - 26 Dim. plinto - 49x44	Completo. Superfície danificada	Granito de grão grosso muito grosseiro esbranquiçado	Cipo piramidal de base cúbica. Cipo simples e exento. Possui duas concavidades, possivelmente para fórfex	
8	Alt. total - 81 Alt. plinto - 52 Alt. pirâmide - 29 Dim. plinto - 48x45	Completo.	Granito de grão grosso muito grosseiro esbranquiçado	Cipo piramidal de base cúbica. Cipo simples e exento. Possui duas concavidades, possivelmente para fórfex	
9	Alt. total - 57 Alt. plinto - 36 Alt. pirâmide - 21 Dim. plinto - 44x40	Completo. Superfície danificada	Granito de grão médio acinzentado	Cipo piramidal de base cúbica. Cipo simples e exento	
10	Alt. total - 47 Alt. plinto - 30 Alt. pirâmide - 17 Dim. plinto - 45x44	Completo	Granito de grão médio acinzentado	Cipo piramidal de base cúbica. Parte piramidal muito baixa. Cipo simples e exento	
11	Alt. total - 49 Alt. plinto - 36 Alt. pirâmide - 13 Dim. plinto - 28x25	Faturado na base	Granito de grão muito fino amarelado	Cipo piramidal de base cúbica, alto e estreito. Plinto acentuadamente alto. Cipo simples e exento	

Nº	DIMENSÕES (CM)	ESTADO	MATÉRIA-PRIMA	MORFOLOGIA / DESCRIÇÃO	POSIÇÃO
12	Alt. total - [48] Alt. plinto - [27] Alt. pirâmide - 21 Dim. plinto – 44x38	Fraturado na totalidade da base	Granito muito grosseiro e de cor esbranquiçada	Cipo piramidal de base cúbica. Parte piramidal muito elevada e de ângulo acentuado. Cipo simples e exento	
13	Alt. total - [35] Alt. plinto - [13] Alt. pirâmide - 22 Dim. plinto – 32x32	Fraturado na base e parte da zona piramidal	Granito de grão médio a fino amarelado	Cipo piramidal de base cúbica. Cipo simples e exento	
14	Alt. total - [44] Alt. plinto - [19] Alt. pirâmide - 25 Dim. plinto – 36x37	Fraturado na base	Granito de grão médio acinzentado	Cipo piramidal de base cúbica. Parte piramidal muito elevada e de ângulo acentuado. Cipo simples e exento	
15	Alt. total - [33] Alt. plinto - 18 Alt. pirâmide - [15] Dim. plinto – 36x34	Completo	Granito de grão médio acinzentado	Cipo piramidal de base cúbica. Cipo simples e exento	
16	Alt. total - [48] Alt. plinto - 29 Alt. pirâmide - [19] Dim. plinto – 71x?	Completo (?)	Granito de grão médio amarelado	Cipo piramidal com extensão unilateral retangular. Cipo composto e exento	
17	Alt. total - [59] Alt. plinto - 30 Alt. pirâmide - [29] Dim. plinto – 87x?	Completo (?)	Granito de grão médio	Cipo piramidal com dupla extensão lateral retangular. Cipo composto e exento. Possui duas concavidades, possivelmente para fórfex	
18	Alt. total - [35] Alt. plinto - 30 Alt. pirâmide - [5] Dim. plinto – 89x42	Fraturado na zona piramidal. Reaproveitado como ombreira	Granito de grão médio a grande acinzentado	Cipo piramidal com extensão unilateral retangular. Cipo composto e exento	

[ ] – dimensões incompletas.

**BIBLIOGRAFIA**

- ALARCÃO, J. DE, 1990: “Identificação das cidades da Lusitânia portuguesa e dos seus territórios”, in *Les Villes de Lusitanie Romaine: hiérarchies et territoires. Table ronde internationale du CNRS (Talence, 8-9 décembre 1988)*, Paris, Collection de la Maison des Pays Ibériques, 42: 21-34.
- ALARCÃO, J. DE, 2012: “Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia - VI”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 15: 113-137.
- ALMEIDA, F. DE, 1956: *Egitânia. História e Arqueologia*, Lisboa.
- ALMEIDA, F. DE, 1977a: “As ruínas romanas e visigóticas de Idanha-a-Velha”, *Anais da Academia Portuguesa de História*, 2ª série, 24 (2): 39-57.
- ALMEIDA F. de, 1977b: “Civitas Igaeditanorum et Egitania. Municipium romain. Ville épiscopale wisigothique », in Duval, P.-M. e Frézoules, D. (orgs.), *Thèmes de recherches sur les villes antiques d’Occident, (Strasbourg, 1971)*, Paris: 542.
- ALVAR EZQUERRA, A.; EDMONDSON, J.; RAMÍREZ SÁDABA, J. L.; HIDALGO MARTÍN, L. Á., 2021: *Si muero, no me olvides. Miradas sobre la sociedad de Augusta Emerita a través de la epigrafía funeraria*, Monografías de Humanidades, 86, Alcalá de Henares.
- ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J. M., 1992: “El templo de Diana”, *Cuadernos de Arquitectura Romana - Templos Romanos de Hispania*, 1, Murcia: 83-93.
- ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J. M. e NOGALES BASARRATE, T., 2003: *Forum Coloniae Augustae Emeritae: Templo de Diana*, Mérida.
- ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J. M. e NOGALES BASARRATE, T., 2004: “Programas Decorativos del Foro Colonial de Augusta Emerita. El templo de Diana – templo de culto imperial”, in *La Decoración Arquitectónica en las Provincias Romanas de Occidente* (Actas del Congreso Internacional Cartagena 8-10 octubre 2003), Murcia: 293-319.
- BARRERA ANTÓN, J. L. DE LA, 1984: *Los capiteles romanos de Mérida*, Monografías Emeritenses, 2, Mérida.
- BARRERA ANTÓN, J. L. DE LA, 2014: “Mérida Augustea”, in Álvarez Martínez, J.M. (ed.), *Augusto y Emerita*, Catálogo de la Exposición del MNAR, Mérida: 45-62.
- BARRERA ANTÓN, J. L. DE LA, 2018: “La decoración arquitectónica del frente escénico: avance a su estudio”, in Mateos Cruz, P. (ed.), *La scaenae frons del teatro romano de Mérida*, Anejos del Archivo Español de Arqueología, 86: 125-153.
- BARRERA ANTÓN, J. L. DE LA, 2000: *Decoración arquitectónica de los foros de Augusta Emerita*, Bibliotheca Archaeologica, 25, Roma.
- BENDALA GALÁN, M., 1972: “Los llamados “columbarios” de Merida”, *Habis*, 3: 223-254.
- BEJARANO OSORIO, A. M.<sup>a</sup>, 2000: “Intervención arqueológica en el antiguo solar de la Campsa. Espacio funerario de época altoimperial”, *Mérida Excavaciones Arqueológicas*, 1998, 4: 305-332.
- BLANCO FREIJEIRO, A., 1983: “Novas Inscrições Latinas de Mérida”, *Boletín de la Real Academia de la Historia*, 180 (2): 235-243.
- BORBONUS, D., 2020: “Organized Collective Burial in the Port Cities of Roman Italy”, in Bargfeldt, N. e Petersen, J. H. (eds.), *Reflections: Harbour City Deathscapes in Roman Italy and Beyond*, Analecta Romana Instituti Danici - Supplementum, 53: 15-38.

- BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M., 2014: “Contextos augusteos en Augusta Emerita”, *Lucentum*, 33: 137-150.
- CAETANO, J. C., 2002: “Necrópoles e ritos funerários no Ocidente da Lusitânia romana”, in Vaquerizo Gil, D. (ed.), *Actas del Congreso Internacional Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano*, 1, Córdoba: 313-334.
- CAMPBELL, V. L., 2008: “Stopping to smell the roses: garden tombs in Roman Italy”, *Acta Philologica Fennica: Arctos* 42: 31-43.
- CARVALHO, P. C., 2007: *Cova da Beira – ocupação e exploração do território na época romana*. Conimbriga, Anexos, 4.
- CARVALHO, P. C., 2009: “O *forum* dos *Igaeditani* e os primeiros tempos da *Civitas Igaeditanorum* (Idanha-a-Velha, Portugal)”, *Archivo Español de Arqueología*, 82: 115-131.
- CARVALHO, P. C.; CRISTÓVÃO, J.; SILVA, R. C. DA; DIAS, P.; FERNÁNDEZ, A., 2020: “*Civitas Igaeditanorum* (Idanha-a-Velha, Portugal)”, in Pizzo, A., (ed.), *La arquitectura doméstica urbana de la Lusitania Romana* [Mytra, 6], Mérida: 125-133.
- CARVALHO, P. C.; FERNANDES, L.; LACERDA, S., 2022: “Town and small towns in the north of Lusitania. Singular Images of the city as a symbol of power”, in Mateos, P.; Olcina, M.; Pizzo, A. e Schattner, T. G. (eds), *Towns and Small Towns, una realidad urbana en a Hispania* [Mytra, 10], Mérida: 397-419.
- CARVALHO, P. C.; FERNÁNDEZ, A.; REDENTOR, A.; TENTE, C.; CRISTÓVÃO, J.; FERNANDES, L.; SILVA, R. C. DA; LACERDA, S.; CORDERO RUIZ, T., 2022: “*Igaedis*”, in Nogales Basarrate, T., (ed.) *Ciudades Romanas de Hispania II*, Hispania Antigua, Serie Arqueológica, 14, Roma-Bristol: 393-412.
- CLARK, J. R., 2003: *Art in the lives of ordinary romans: visual representation and non-elite viewers in Italy, 100 B.C -315A.D*, Berkeley: University of California Press.
- CORDERO RUIZ, T., 2018: “At the center and the periphery of Lusitania: The evolution of the city of Egítania and its territory (4th -8th centuries)”, *Visigothic Symposia*, 3: 88-111.
- CORDERO RUIZ, T.; TENTE, C.; CARVALHO, P. C.; CRISTÓVÃO, J.; DIAS, P.; FERNÁNDEZ, A., 2020: “Los baptisterios de Egítania (Idanha-a-Velha, Portugal). Contexto arqueológico y cultural”, *Munibe*, 71: 137-150.
- CRISTÓVÃO, J., 2002: *As muralhas romanas de Idanha-a-Velha*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras de Coimbra.
- CRISTÓVÃO, J., 2005: “Breve estudo sobre a organização do espaço público e os equipamentos urbanos da cidade romana de Idanha-a-Velha (dos finais do século I a.C. ao limiar do século IV)”, *2as Jornadas de Património da Beira Interior: Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia*, Guarda: 189-204.
- CURRÁS, B. e SÁNCHEZ-PALENCIA, F. J., 2021: “Landscape archaeology of roman goldmining in Lusitania: The ‘Aurifer Tagus’ project”, *Antiquity*, 95 (382).
- VAQUERIZO GIL, D., 2006: “Sobre la tradición púnica, o los influjos norteafricanos, en algunas manifestaciones arqueológicas del mundo funerario hispano-bético de época pleno-imperial. Una revisión crítica”, in Vaquerizo Gil, D. e Murillo, J. F. (eds.), *El Concepto de lo Provincial en el Mundo Antiguo – Homenaje a la Profesora Pilar León Alonso*, Córdoba, 2: 317-364.
- VAQUERIZO GIL, D. e RUIZ OSUNA, A. B., 2020: “El mundo funerario cordubense de época altoimperial”, in Vaquerizo Gil, D., Ruiz Osuna, A. B. e Rubio Valverde, M.

- (eds.), *Topografía, ritual y formas arquitectónicas el Sepulcretum de Llanos del Pretorio (Córdoba - España)*, Edipuglia: 7-25: 84.
- VAQUERIZO GIL, D.; RUIZ OSUNA, A. B.; RUBIO VALVERDE, M., 2019: “Una nueva vía funeraria en Colonia Patricia (Córdoba). El *sepulcretum* de llanos del Pretorio”, *Zephyrus*, 83: 79-105.
- EDMONDSON, J., 2011: “A tale of two colonies: Augusta Emerita (Mérida) and Metellinum (Medellín) in Roman Lusitania”, in Sweetman, R. J. (ed.), *Roman Colonies in the first century of their Foundation*, Oxford Books.
- ENCARNAÇÃO, J. D’, 2004: “*Emerita e civitas Igaeditanorum*: uma relação bem registada na epigrafia”, *Eburobriga*, 1: 57-60.
- FERNANDES, L., 2008: “A ordem toscana na Lusitânia ocidental: problemática e caracterização do seu emprego: a propósito das peças reutilizadas da Igreja de São Pedro de Lourosa (Coimbra)”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 11: 231-270.
- FERNANDES, L., 2010: “Capitéis romanos do concelho do Sabugal: sobre a utilização da ordem toscana em território nacional”, *Sabucal*, 2: 25-50.
- FERNANDES, L., 2016-2017: “As colunas duplas ou bilobadas na Lusitânia: o caso de Bobadela”, *O Arqueólogo Português*, Série V, 6/7: 149-184.
- FERNANDES, L., 2019-2020: “Paisagem arquitetónica da zona norte da Lusitânia”, *Eburobriga*, 10: 67-78.
- FERNANDES, L., 2020: “The augustan architectural decoration in western *Lusitania*: between archaism and the *Consuetudo Italica*”, in Pimentel, M. C.; Lóio, A. M.; Rodrigues, N. S. e Furtado, R (eds.), *Augustan Papers. New approaches to the age of Augustus on the bimillennium of his death*, Georg Olms Verlag Hildesheim, Zürich, New York, 2: 535-570.
- FERNANDES, L., 2022: “A investigação sobre o teatro romano de Felicitas Iulia Olisipo (Lisboa): a paisagem arquitetónica e ideológica da cidade”, *Anas*, 35: 105-130.
- FERNANDES, L.; CACHÃO, M.; FERNANDES, I.; PIMENTEL, N.; RIBEIRO, M.<sup>a</sup> DOS A., 2019: “Elementos arquitetónicos do Teatro Romano de Lisboa / Olisipo: sobre o emprego de estuque e da pedra”, *Conimbriga*, 58: 149-191.
- FERNÁNDEZ, A.; CARVALHO, P. C.; CRISTÓVÃO, J.; SANJURJO-SÁNCHEZ, J.; DIAS, P., 2019: “Dating the early christian baptisteries from Idanha-a-Velha - the Suebi-Visigothic Egítania: stratigraphy, radiocarbon and OSL”, *Archaeological and Anthropological Sciences*, 11: 5691-5704.
- FERNÁNDEZ SUTILO, L., 2020: *Muerte y ritual en Onoba Aestuarium y su territorium*, Onoba monografías 6, Huelva.
- FERREIRA, A. P. R., 2004: *Epigrafia funerária romana da Beira Interior: inovação ou continuidade?*, Trabalhos de Arqueologia, 34, Lisboa.
- FERREIRA, R., 2021: *Os pulvini monumentais da Civitas Igaeditanorum*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia do Território, Faculdade de Letras de Coimbra.
- HERAS MORA, F. J. e OLMEDO GRAGERA, A. B., 2010: “Dos nuevos monumentos funerarios en Augusta Emerita. Primer avance de los resultados de la intervención de la calle Almendralejo nº 41, Mérida (Badajoz, España)”, *XVII International Congress of Classical Archaeology, Roma 22-26 Sept. 2008. Bollettino di Archeologia on line*, 45-53.
- HERAS MORA, F. J.; OLMEDO GRAGERA, A. B.; PÉREZ MAESTRO, C., 2017: “Dinámica urbana en el suburbio norte de Augusta Emerita. Síntesis diacrónica de las

- excavaciones en el llamado ‘Corralón de los Blanes’”, *Mérida Excavaciones Arqueológicas* 2006-2008, 12: 707-749.
- HESBERG, H. VON, 2006: “Les modèles des édifices funéraires en Italie: leur message et leur réception”, in Moretti, J.-C. e Tardy, D. (eds.), *L’Architecture Funéraire MONUMENTALE. La Gaule dans l’Empire Romain*, Paris: 11-39.
- MAN, A. de, 2008: *Defesas urbanas tardias da Lusitânia*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras do Porto.
- MANTAS, V. G., 1988: “*Orarium Donavit Igaiditanis*: Epigrafia e funções urbanas numa capital regional lusitana”, *I Congreso Peninsular de Historia Antigua*. 2, Santiago de Compostela: 415-439.
- MÁRQUEZ PÉREZ, J., 1996: “Reflexión sobre la información que el estudio de los enterramientos aporta al conocimiento de la sociedad frente a su legislación, y la incidencia que esto tiene sobre el espacio que las tumbas ocupan: el trazado suburbano y su paisaje”, *Mérida Excavaciones Arqueológicas*, 2: 291-293.
- MÁRQUEZ PÉREZ, J., 2006: “Los Columbarios: arquitectura y paisaje funerario en Augusta Emerita”, *Ataecina*, 1, Mérida.
- MOURITSEN, H., 2005: “Freedmen and Decurions: epitaphs and social History in Imperial Italy”, *Journal of Roman Studies*, 95: 38-63.
- MURCIANO CALLES, J. M., 2019: *Monumenta. Tipología monumental funeraria en Augusta Emerita. Origen y desarrollo entre los siglos I a. C. y IV d.C.*, Monografías Emeritenses, 12, Mérida.
- NOGALES BASARRATE, T.; RAMÍREZ SÁDABA, J. L.; MURCIANO CALLES, J. M., 2012: “Las cupae del territorium Emeritense”, in Andreu Pintado, J. (ed.), *Las cupae Hispanas. Origen, difusión, uso, tipología*, Tudela: 349-368.
- PEREIRA, S., 2012: “Espaços e práticas funerárias de *Ammaia* (Marvão): breves considerações”, *V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular* (Almodôvar, 18-20 novembro 2010), Almodôvar: 371-392.
- PEREIRA, C., 2018: *As necrópoles romanas do Algarve. Acerca dos espaços da morte no extremo Sul da Lusitânia*, O Arqueólogo Português, Suplemento 9, Lisboa.
- PIZZO, A., 2009: “La construcción de los complejos forenses de *Augusta Emerita*”, in Ayerbe Vélez, R., Barrientos Vera, T. y Palma García, F. (eds.), *El foro de Augusta Emerita. Génesis y evolución de sus recintos monumentales*, Anejos del Archivo Español de Arqueología, 53, Mérida: 623-663.
- PIZZO, A., 2010: *Las Técnicas Constructivas de la Arquitectura Pública de Augusta Emerita*, Anejos del Archivo Español de Arqueología, 56, Madrid.
- REDENTOR, A.; CRISTÓVÃO, J.; CARVALHO, P. C., 2022: “Apontamentos sobre a paisagem epigráfica da capital dos Igaeditani”, in Andreu Pintado, J., Redentor, A. e Villanúa, E. A. (eds.), *Valete Vos Viatores. Travelling through latin inscriptions across the Roman Empire*, Coimbra: 259-306.
- SÁ, A. M., 2007: *Civitas Igaeditanorum: os deuses e os homens*, Idanha-a-Nova.
- SAQUETE CHAMIZO, J. C., 1997: Las élites sociales de Augusta Emerita, *Cuadernos emeritenses*, 13: 180, nº 80.
- ROLO, A. M., 2018: *O mundo funerário romano no Nordeste Alentejano (Portugal) - O contributo das intervenções de Abel Viana e António Dias de Deus*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- SALVADO, P., 2010: “Idanha-a-Velha, um rosto periférico da memória: elementos para a história do património igeditano”, in Santos, J. M. e Catana, A. S. (coords.),

---

*Memória e História Local: Colóquio Internacional realizado em Idanha-a-Nova, Coimbra: 207-255.*

- SANTOS, F. J. C. e CARVALHO, P. C., 2008: “Aspectos do mundo funerário romano na Beira Interior. As estruturas funerárias monumentais da Quinta da Fórnea II (Belmonte): uma primeira abordagem”, *Conimbriga*, 47: 127-143.
- TACOMA, L. E., 2017: “Bones, stones, and Monica - Isola Sacra revisited”, in Groen-Vallinga, M.J. (ed.), *The impact of mobility and migration in the Roman Empire*, Leiden: 132-154.
- VAN AERDE, M. E. J. J., 2015: *Egypt and the Augustan cultural revolution - an interpretative archaeological overview*, *Babesch Supplementa*, 38.